PARA TÔDAS AS IDADES

EBAL

SÉRIE SAGRADA - 78

Série Sagrada



N.° 78
Cr$ 20,00

scan by Barbier
www.guiaebal.com

História de

Santa Luísa de Marillac

FUNDADORA
DA COMPANHIA
DAS FILHAS
DA CARIDADE

Nihil obstat,
Niterói 12/8/1960
P. Herbert ...
Censor.

Imprima-se
Niterói, 17-8-60
Mons. Antônio Macedo
...

ORIENTAÇÃO DO CÔNEGO ANTÔNIO DE PAULA DUTRA

BREVE HISTÓRIA DA VINDA DAS IRMÃS DA CARIDADE AO BRASIL

Os primeiros Padres da Congregação da Missão, vieram para o Brasil no último quartel do século XVIII, originários da Província portuguêsa.

Quando, em 1819, chegaram ao Rio de Janeiro os Padres Antônio Ferreira Viçoso, Leandro de Castro e Jerônimo de Macedo, encontraram dois filhos de São Vicente no Seminário de São José, segundo testemunho do Padre Viçoso.

Os três recém-chegados sacerdotes receberam de Dom João VI a doação das terras e do santuário de Nossa Senhora Mãe dos Homens, na Serra do Caraça, na Província de Minas Gerais, e para aí se transferiram fundando a primeira casa da Congregação da Missão no Brasil.

No ano seguinte, 1820, abriram o célebre Colégio do Caraça, destinado a ser um dos grandes estabelecimentos de ensino durante quase um século.

Em 1844, já então eleito Bispo de Mariana o venerando Padre Antônio Ferreira Viçoso, procurou reunir ao Centro da Congregação, em Paris, as casas dos filhos de São Vicente de Paulo, que até então estavam separadas da Casa-Mãe pelas exigências políticas.

Para conseguir tal fim, o Bispo enviou a Paris, em 1848, o Padre Cunha, congregado brasileiro, com o encargo de conseguir do superior-geral, Padre Etienne, a vinda de Padres e de Irmãs da Caridade para o Brasil. O pedido era arrojado, porque naquela época as viagens transoceânicas eram feitas em navios a vela e férteis em naufrágios. Contudo, seis Padres Missionários com três Irmãos coadjutores e doze Irmãs da Caridade, tendo por superiora a Irmã Dubost, vindo também na comitiva o Padre Cunha, vieram para cá.

Esta primeira caravana para a América do Sul deve ter sido um acontecimento notável, porque as Irmãs superioras de Rouen e de Elbeuf se achavam presentes. No Havre as doze Irmãs missionárias tiveram de aceitar a hospedagem, que gentilmente as Irmãs Ursulinas lhes ofereceram, encantadas por verem a coragem das filhas de São Vicente e de Santa Luísa de Marillac.

A 28 de novembro, o **Stella Matutina** afastou-se da França. Logo nos primeiros dias uma tempestade violenta açoitou a embarcação, impelindo-a para a Inglaterra. Uma das Irmãs enlouqueceu devido ao medo e tôda a equipagem temeu um naufrágio. O Padre Monteil, superior dos missionários, combinou então com a Irmã Dubost e com a Irmã Rouy, que devia ser mais tarde visitadora do Brasil, que convinha reenviar para Paris a Irmã doente, dedicando-se êle mesmo a acompanhá-la.

A viagem durou setenta dias.

Afinal, a 9 de fevereiro de 1849 chegaram à Guanabara, no Rio de Janeiro. Aí as esperava o Padre Pedro Maria de Lacerda, que mais tarde devia ser um dos mais célebres Bispos dessa diocese, e anunciou-lhes que só poderiam partir para Mariana no mês de março por causa da estação invernosa. O capitão do **Stella Matutina** quis hospedar as Irmãs durante êste mês de espera, mas elas preferiram aceitar a hospedagem das Irmãs Franciscanas, conforme as ordens do Bispo. Durante êste mês de inação, tiveram de submeter-se à clausura e de receber através das grades as visitas dos missionários. Até para poderem sair à rua tinham de apresentar à superiora do convento a permissão escrita da autoridade diocesana. Êste período serviu-lhes, porém, para continuarem o estudo da língua portuguêsa, que tinham começado a bordo com o Padre Cunha, e prepararam-se pelo silêncio e pela oração para os trabalhos do apostolado, que íam empreender.

A 11 de março, tendo terminado as chuvas, os Missionários e as Irmãs puseram-se de novo em viagem, desta vez por terra, a cavalo, com destino a Mariana.

Esta viagem, naquela época, era perigosa: não havia estradas, mas caminhos estreitos, sem pontes, que subiam as encostas íngremes para descerem pelo outro lado dos montes, por entre precipícios em que um cavaleiro inábil poderia fàcilmente cair. Até para os brasileiros as viagens dêsse tempo eram arriscadas e cheias de acidentes, portanto eram bem mais perigosas para os inexperientes Missionários e para as delicadas Irmãs de Caridade.



«Eu amo a Comunidade, terei sempre os olhos sôbre ela.»

Após vinte e três dias de viagem a cavalo, a caravana chegou a Mariana, distante 558 quilômetros do Rio de Janeiro.

Em seguida, as Irmãs foram conduzidas à casa que lhes estava destinada, casa bem pobre, porque o digno bispo nada possuía, por ser um grande esmoler.

O santo bispo Dom Viçoso confiou o Seminário aos Padres Lazaristas franceses e desejou que as Irmãs de Caridade abrissem um colégio para as filhas das melhores famílias de Minas. Êste colégio, sob o nome da **Providência**, foi aberto pouco depois de instaladas em Mariana e nêle foram educadas milhares das mais ilustres senhoras de Minas. Até hoje êsse colégio tem sido um estabelecimento exemplar de ensino.

Alguns anos depois a casa teve de ser aumentada de novos pavilhões, sendo um destinado a um pequeno hospital, conservado sempre aberto até aos nossos dias.

A 6 de novembro de 1851 faleceu a primeira Irmã de Caridade.

Em 1852, a 17 de fevereiro, o Padre Monteil, diretor dos Missionários e das Irmãs, partiu para o Rio de Janeiro, a chamado do Imperador Dom Pedro II, para conferenciar com o ministro de Estado sôbre os novos estabelecimentos, que sua Majestade queria fundar. Um dêsses estabelecimentos era a Santa Casa de Misericórdia, para a qual, a pedido do monarca, trinta Irmãs tinham sido enviadas de Paris e acabavam de chegar no navio **Ville de Paris**, sob a direção da Irmã Despiau. A viagem durara cinqüenta e oito dias e, ao chegarem ao Rio, foram recebidas pelo provedor José Clemente Pereira.

As Irmãs foram logo introduzidas na Santa Casa de Misericórdia, verdadeiro palácio, construído à beira-mar, mas mal administrado pelo pessoal servente.

Dentro de algumas semanas tudo estava transformado: a ordem, o asseio, a bôa aparência encantavam o provedor e os médicos.

Contudo, uma epidemia da febre amarela foi terrível no verão do ano seguinte (1853), e o flagelo arrebatou para o céu sete das Irmãs.

A Irmã Despiau escrevia à Superiora Geral, Madre Montcellet: "As que morrem partem sorrindo: e as que ficam não tremem: estão cheias de coragem. Aconselharam-lhes de se retirarem do hospital por algum tem-

(Conclui na 3.ª Capa)

N.º 78 ★ FEVEREIRO 1960

SÉRIE SAGRADA (Revista Mensal Religiosa). ★ Propriedade da Editôra Brasil-América Limitada, Especializada em Publicações para Rapazes, Môças e Crianças. ★ Direção de Adolfo Aizen. ★ Escritório, Redação e Oficinas em Edifício Próprio: Rua General Almério de Moura, 302, São Cristóvão. ★ Telefone 34-8042 (Rêde Interna). ★ Rio de Janeiro (Gb), Brasil. ★ Representante em São Paulo: Agência Modesto, Viaduto Santa Ifigênia, 277, Tel. 33-4606. ★ Publicada com autorização de Ediciones Recreativas S. A., do México. ★ A ortografia adotada nas publicações desta Editôra é a do "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa".



HISTÓRIA DE Santa Luisa de Marillac

FUNDADORA DA COMPANHIA DAS FILHAS DA CARIDADE

TEXTO DE AUGUSTO DE ANDRADE

"Cuidai muito do serviço dos pobres e, sobretudo, vivei juntas em grande união e cordialidade, querendo vós umas às outras, para imitardes a união e a vida de Nosso Senhor. Peço-vos que ameis a Santíssima Virgem como vossa única Mãe."

Palavras de SANTA LUÍSA DE MARILLAC em testamento espiritual às suas filhas.

Por aquela época (1590), a França vivia atormentada pela guerra civil. Foi um período ruim, decorrente de acontecimentos tristes e sangrentos. E quem diz guerra diz miséria, fome, calamidades e sofrimentos. Todos sofriam com êsse estado de coisas. Grandes e pequenos, pobres e ricos...





Tal era a situação dos habitantes da região assolada (Paris), que êles tiveram de se alimentar de ervas, ratos e coisas outras imundas, numa verdadeira luta de sobrevivência. Pela mostra, se vê que até as classes ricas foram atingidas pela crise. A história relembra que para mais de cinqüenta mil pessoas morreram de inanição por êsse tempo...

Os Marillac eram originários da Alta Alvérnia (Haute-Auvergne), região montanhosa, no centro meridional da França. De tradicional tronco nobre, seus antepassados pontilham a história do grande país latino de atuações políticas bem acentuadas. Por volta de 1590 era chefe de um dos ramos dessa família Luis de Marillac, que ostentava o título de Senhor de Ferrière. Sua mulher Margarida Le Camus era, também, de origens ilustres...

Luís de Marillac já era viúvo, embora sem filhos, quando casou com Margarida Le Camus, em 1590. Pouco mais de um ano durou seu consórcio com esta segunda espôsa, pois que os tempos, ruins, calamitosos mesmo, sobremaneira influiram na saúde dela...

Assim, em 12 de agôsto de 1591...



Margarida Le Camus, morrera em conseqüência do nascimento da filha Luísa, aquela que a Igreja iria inscrever a seu tempo como Santa Luísa de Marillac, a inspiradora sublime da obra que todos nós hoje conhecemos sob a designação de "Irmãs da Caridade"...

Então...







Começaram então as procuras para a solução do lar incompleto de Luís de Marillac. Não foi preciso muito esfôrço. Uma irmã da espôsa morta ficara viúva. Em pouco estavam aplainadas as objeções possíveis e...

Antes que Luísa completasse quatro anos e meio...



A nova espôsa de Luís chamava-se Antonieta Le Camus. Três eram os filhos que ela trazia para o novo lar. Esta circunstância parecia combinar excelentemente, visto que se ela encontrara um pai para seus filhos, o espôso também nela achara uma nova mãe para a sua filha...

Mas, pouco tempo depois...



Talvez não fôsse totalmente má a nova espôsa de Luís. Não tinha ela, porém, a necessária ternura da mãe autêntica, verdadeira. Faltava-lhe o sentimento de sacrifício que sua condição de madrasta desconhecia...

Dias depois...



Aquela casa era o mosteiro real de São Luís, em Poissy, e a Superiora chamava-se Luísa e era também de Marillac, tia em primeiro grau de Luís. Esta religiosa era uma senhora muito instruída, de alto espírito e bom gôsto...

Assim...



Criança mimosa e de saúde precária, tôdas as monjas a acarinhavam...



Dessa forma...



As monjas eram obrigadas, muitas vêzes, a deixá-la sòzinha...



Foi assim que o estágio no convento das dominicanas lhe talhou o caráter...



Na vida dos grandes santos teve ela o molde sublime...

Por êsse tempo uma grande reviravolta se deu na vida do pai de Luísa. Êle não era rico, apesar de nobre. A educação da filha era-lhe, porém, superior às possibilidades. Correu a fazer economias...

Então...



A religiosa, que além de Superiora do mosteiro era parenta da menina, ainda perguntou...



O orgulho não deixou a Luís de Marillac revelar o problema econômico em que se debatia...



Luís ficou embaraçado com o que a filha lhe dissera. Titubeou um pouco, mas logo falou...









Ora havia em Paris uma velha viúva, senhora de excelente educação, que os azares da vida haviam reduzido à condição de ter de ensinar para poder viver...









Era, portanto, dos recursos que suas alunas lhe pagavam que esta viúva vivia. Mas era tão modesta a contribuição que ela pedia para o internamento das pupilas, que pouco menos do que fome ali se passava naquela casa. Todavia nada faltava ali do que era preciso ensinar-se. Literatura, artes, pintura, ciências e até filosofia...









Entre parêntesis, podemos assinalar nesta altura, que ainda hoje se encontram na Casa-Mãe das Irmãs de Caridade, Rua de São Vítor (hoje Rua do Cardeal Lemoine), n.º 43, algumas das aquarelas pintadas por Luísa, telas que bem relembram a sensibilidade que lhe compunham o espírito privilegiado...















Nesta casa, melhor do que no mosteiro de Poissy, ia o Senhor de Marillac em visita a sua filha freqüentes vêzes. Essas visitas eram demoradas, pois êle se comprazia não só em lhe dar conselhos elevados, como, por exemplo, mandava que ela escrevesse composições inspiradas nas leituras que houvesse lido, para depois êle as reler com sumo prazer...





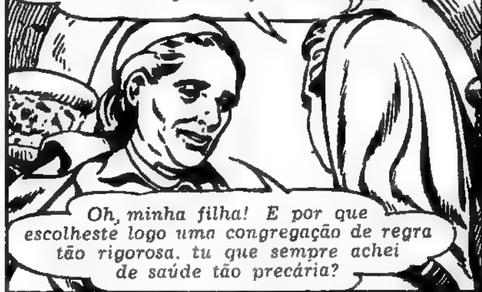


Ao sair da meninice, portanto, já Luísa tinha na sua consciência tudo que torna uma donzela digna de aprêço. Instruída e enriquecida com os agradáveis conhecimentos que lhe podiam preparar um futuro risonho, possuía coração caritativo, gênio franco e afável e disposição para todo o serviço. Abria-se, sobretudo, a sua alma à piedade e à religião...

Contava apenas treze anos, e já Deus a feria profundamente. Em 1604...



E foi com tal disposição de espírito, que Luísa procurou seu orientador espiritual, Frei Honório de Champigny, que era Provincial dos Capuchinhos.



Luísa contou que, uns dias antes, vira desfilar pelas ruas uma procissão de doze religiosas capuchinhas que, de pés descalços, coroadas de espinhos e precedidas de numeroso cortejo de religiosos franciscanos, à frente do qual se achava o arcebispo de Paris, se encaminhavam para o seu convento...

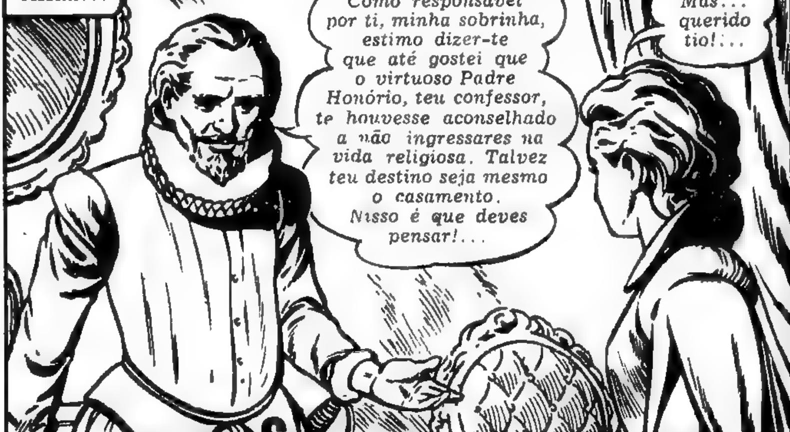


O bom Frei Honório mediu a sua responsabilidade e respondeu...



Com a morte do Senhor de Marillac a vida de Luísa modificou-se inteiramente. Seu tio Miguel, irmão portanto de seu pai, passou a seu tutor. Antes do mais, instalou-a no palácio onde morava. Era uma boa residência, e isso levou-a à adopção de hábitos de vida muito diferentes do que a sua natural modéstia desejava...

Assim...











O baile, depois do banquete, foi uma das festas que se fizeram na Côrte. A êle compareceu tôda a aristocracia de Paris e, para uma criatura fútil que não fôsse Luísa, tal ambiente muito a deixaria satisfeita. A época, que era a do tempo da Rainha Maria de Medicis, muito luxo se ostentava, mas para Luísa bastava a sua beleza e simplicidade para se impor.









Tudo aquilo era novidade e surprêsa para Luísa. Novidade por lhe haver acontecido tal aventura pela primeira vez; surprêsa por lhe revelar um mundo de coisas que não estavam no seu propósito anterior...







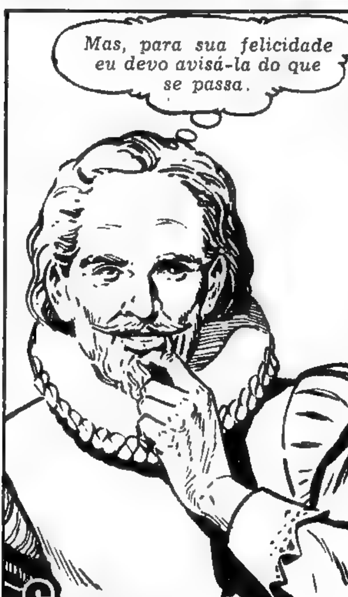
Aquelas rondas a princípio simuladas de naturalidade passaram a constituir uma necessidade psicológica para Le Gras. Tão freqüentes elas se tornaram que acabaram sendo notadas pelo tio de Luísa, que muito se preocupava com um bom casamento para a môça...











Os escrúpulos, porém, do Senhor de Marillac contiveram-no. Êle queria mais que a iniciativa de Luísa se manifestasse. Não desejava de forma nenhuma influir no espírito da sobrinha. Talvez o tempo trouxesse soluções por si. E deixou correr os acontecimentos...


Então, certa vez...
Felizes estão meus olhos por vos verem!
Oh!...


Luísa retirou-se confusa e falou para si...
Sim, parece que tenho amor por êle! Meu Deus, amparai-me nesta situação!...


Mas Le Gras estava decidido a ir até ao fim na demonstração dos seus sentimentos...
Falarei com o tio e lhe declararei meus propósitos, que são os mais bem intencionados e puros do mundo!


E assim, depois de tudo explanado...
Pelo que bem podeis avaliar, senhor, sòmente oferecendo a minha mão darei provas sinceras de que a amo!...
Em grande apreço vos tenho, senhor, mas...


Bem podeis influir junto à sua inexperiência!
De acôrdo, de acôrdo...


Hoje mesmo falarei com minha sobrinha. Nada resolvamos sem a ouvirmos! Amanhã podereis ter a resposta, senhor!...


Antônio Le Gras saiu contente e esperançoso...
Queira o Céu que ela me aceite como espôso! Ela é a mulher mais doce e bondosa que me foi dado conhecer!...


Por sua parte, o tio Miguel...
Querida sobrinha, bem sabes quanto estou velho e quanto me preocupo com o teu futuro. Nenhuma oportunidade melhor do que esta para o encontro da solução ideal...


Antônio Le Gras tem tôdas as qualidades para te fazer feliz: Ama-te, é rico e além de ter uma boa posição na Côrte, é generoso e de bom caráter. Responde para que eu possa morrer tranqüilo!
Bem... querido tio, farei o que tanto estimais!


Enquanto grande alegria e movimento se operava nas duas casas — a dos Marillac e a dos Le Gras...
As bodas se realizarão para a semana!
Deus faça muito feliz a menina Luísa!


Entretanto...
Êste é o destino que se me reserva! Faça-se a Vossa vontade, Senhor!


Dessa forma, em 6 de fevereiro de 1613, Luísa de Marillac casou-se com Antônio Le Gras...
Deus é testemunha de que eu só desejo fazer-te uma espôsa feliz!
O mesmo digo eu de que só aspiro à nossa união abençoada pelo Altíssimo!

Tinha Luísa 22 anos quando se ajoelhou ao pé do altar, na igreja de São Gervásio, em Paris, para receber a bênção nupcial. Seu espôso não desmentiu a dedicação que lhe tinha...





Naturalmente afetuosa, Luísa amava o espôso com ternura, tanto mais quanto êle era realmente merecedor de sua estima, "pela sua vida correta", como ela mesma o dirá mais tarde, e "porque era temente a Deus e cuidadoso em tornar-se irrepreensível"...

Então, a seu tempo, no domicílio onde passaram a residir na paróquia de Saint Merry, nasceu-lhes o primeiro e único filho, Miguel Antônio, que lá mesmo foi batizado...



E, num verdadeiro delírio, Luísa não se cansava de proclamar...



Mas o amor que Luísa dedicava aos seus, principiando pelo filho e completado com o marido, não impedia que ela se lembrasse dos pobres e desgraçados...



Uma de suas biógrafas deixou escrito: 'Tinha ela uma grande compaixão pelos pobres. Levava-lhes doces, biscoitos e muitas outras coisas boas. Penteava-os, limpava-lhes a sarna e a bicharia e, quando morriam, tratava de os mandar enterrar. Deixava um pobre para correr a outro, muitas vêzes subindo e descendo ladeiras, debaixo de chuva e da neve, quando a havia."


E tanta era a sua dedicação que, muitas vêzes...
Meu Deus, dai-me tempo para poder atender aos meus pobres!


Um dia...
Luísa, que fazes aqui, neste bairro pobre de Paris e caminhando em dia tão nevoso?
Oh, o meu tio Miguel!


Ando na visita aos pobres, querido tio! Por êstes bairros não posso trazer minha carruagem; não só para os não afrontar, como porque as muitas ruas estreitas não permitem veículos!
E tua saúde?


Minha saúde não é boa, mas é, ainda assim, melhor do que a dos infelizes a quem venho ajudar!
Só o muito amor ao próximo te deve importar, Luísa!


Que Deus te dê fôrça e saúde para prosseguires na tua missão. Afinal, só o que tu fazes vale a pena fazer!... O demais é vaidade!...


E naquele momento...
Oh, a senhora Lé Gras, naquele carro!...


Senhora Le Gras, meu velho tio subiu ao monte em busca de uma ovelha que se desgarrou, mas... ainda não voltou! Parece que a nevasca o apanhou no caminho!...
O velho tio que cuidava de vocês? Êle não voltou?...


Não, senhora! Decerto o frio!... Estamos muito aflitos!...
Vai para junto de tua mãe, menino! Vou ver o que se pode fazer!...


Que poderá fazer-se, afinal? O melhor é esperar-se que cesse a nevasca, visto que a carruagem não pode subir ao monte!...
Sim... talvez!...


Mas... não se preocupe, meu tio! Avisarei os guardas para que corram lá a procurar o pobre!...
É o que deves fazer, sim, Luísa! Que Deus o ajude! Adeus, sobrinha!...


Luísa aguardou que a carruagem se distanciasse...
Não quero que me veja!...


Então...
Se não acudir agora a êsse infeliz, êle morrerá! Não há tempo de procurar quem me ajude!...


E Luisa dentro em pouco...
O principal é não me desviar do caminho por êle seguido!


O frio ainda era o menos. O pior eram os passos em falso e o caminho constantemente íngreme e acidentado..
Senhor, fazei com que eu tenha fôrças para chegar a tempo!


E felizmente...
Oh, pobrezinho!


Coragem, coragem!
Sim... sim...


Confiai em Deus... vamos!...


E assim...
Graças a Deus que chegamos!
Como eu pensei não tornar a ver o meu velho irmão!
Foi a Senhora Le Gras quem teve o trabalho!


Aqui, junto ao fogo!
Vamos... que ambos precisamos de descansar!


Mas, no mesmo instante...
Oh, que tendes, Senhora Le Gras? Desmaiais também?


O esfôrço havia sido, na realidade, superior à sua condição de pessoa fraca...
Vamos, senhora, tratais dos outros e vos esqueceis de cuidar de vós!
Já estou melhor, sim! Fiz muito esfôrço, mas já me reabilitei!


Luísa nunca pensava em seu proprio bem-estar. Vendo-a passar, não havia pobre ou infeliz dos bairros miseráveis que a não bendissessem...
Nossa protetora!
Adeus, Senhora Le Gras!
Que Deus a abençoe, senhora!

Assuntos da Côrte da Rainha Maria de Medicis, a que o Senhor Le Gras tinha de atender em sua função, faziam com que muitas vêzes êle passasse ausente do convívio da espôsa épocas seguidas....













As provações começaram cercando a vida do casal Le Gras. Primeiro foi Antônio, cuja doença o obrigou a abandonar o trabalho que desempenhava na Côrte e, logo a seguir, todo o serviço de administração dos bens do falecido parente d'Attichy. Para ajudar o marido, Luísa tomou conta do mesmo encargo e tal foi sua dedicação à emprêsa que também adoeceu. Um biógrafo de Luísa de Marillac conta que foi nessa ocasião que São Francisco de Sales, ora de passagem em Paris, a visitou e lhe amenizou a doença com o confôrto dos seus conselhos e orientação espiritual...

Pior, porém, do que tudo foi o que aconteceu na noite de 21 de dezembro de 1625...



O Senhor Le Gras morrera aos 45 anos, e Luísa tinha na ocasião 34 anos de idade e doze de vida conjugal...

Se até ali Luísa cuidava dos exercícios de piedade, mais a êles se dedicou daí em diante...



E embora doente, ela procurava domar e submeter seu corpo pelos jejuns, vigílias e cilícios...

Então seus pensamentos iam ao passado...

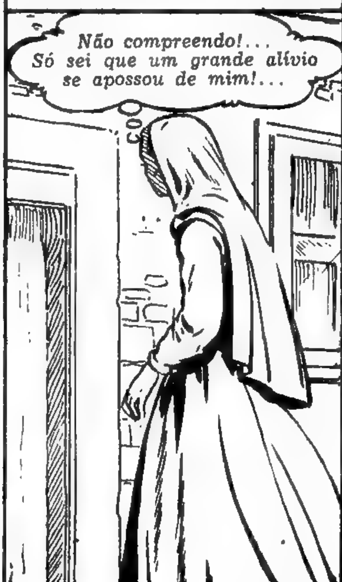


Mas uma estranha voz a inspirou...





Luísa ficou como que aturdida, sem explicação para si mesma...



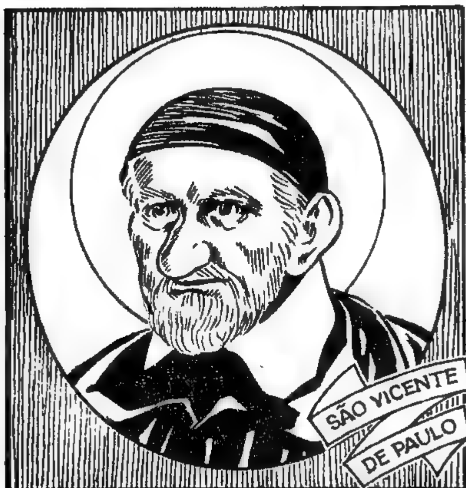
Nesse período também foi que o Bispo de Belley, diretor espiritual de Luísa, lhe escreveu a seguinte carta, confortando-a: "Esta é a hora em que vos é necessário chegardes à Cruz, já que não tendes outro apoio na terra. Agora é que vos é preciso rogardes a Deus para que Êle se lembre de vós, minha filha. Que Êle seja o Pai do órfão e o Juiz da viúva. Agora é que deveis ver se amais a Deus como Êle deve ser amado, já que se vos tirou o que muito amáveis."





São Vicente de Paulo estava, então, em seu maior fastígio. Sua atuação no campo da caridade, pode dizer-se, não foi ultrapassado por nenhum dos muitos vultos de maior tomo da França do seu século...

Nascido de humilde condição, e tendo sido pastor no exato sentido camponês, ordenou-se sacerdote em 1600, após afincados estudos. Feito cativo por piratas turcos, numa viagem pelo Mediterrâneo, foi levado a Túnis como escravo. No cativeiro, em que estêve dois anos, venderam-no a um pescador, depois a um médico e, por fim, a um renegado, que o forçava a trabalhar na lavoura, sujeito as inclemências do quente sol da África. Tendo convertido o seu senhor, teve oportunidade de voltar com êle à França, onde recuperou a liberdade. Depois de exercer o ofício de capelão da Rainha Margarida de Valois, o ministério paroquial em Chatillon e Clichy e o cargo de preceptor dos filhos da ilustre família de Gondi, aplicou-se inteiramente a remediar as misérias espirituais e corporais dos pobres. Para êsse fim, fundou sucessivamente a Congregação da Missão, ou dos Lazaristas, a Companhia das Filhas da Caridade e a Associação das Senhoras da Caridade. Não houve infortúnio a que não procurasse remediar como Pai amoroso. Os cristãos cativos dos turcos, as crianças abandonadas, os moços incorrigíveis, as infelizes decaídas, as donzelas expostas à se perderem, as religiosas dispersas pela guerra, os soldados nos campos de batalha, os forasteiros enfermos, os operários inválidos, os inúmeros mendigos e os mesmos loucos acharam em São Vicente um socorro que se vem perpetuando até nossos dias. (Veja-se SÉRIE SAGRADA — N.º 43 — "História de São Vicente de Paulo")...



Agora que conhecemos ligeiramente o Santo a quem Luísa ia ser apresentada, vejamos o que se passou a seguir..



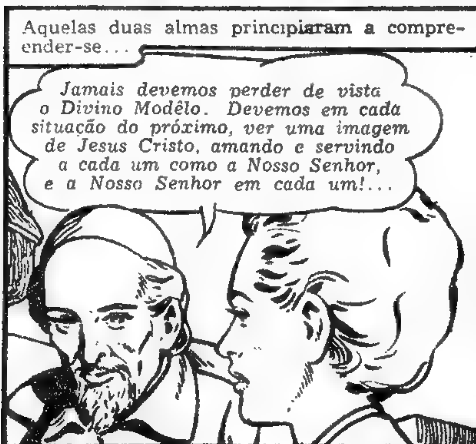
O Padre Vicente, como então era chamado, contava naquele tempo quarenta e sete anos, o que corresponde ao meio da sua admirável existência. Andava êle absorvido com a fundação da Congregação da Missão. É muito possível que os múltiplos afazeres e os modos secos e rudes do Santo houvessem contribuído para um quê, já não dizemos de antipatia, mas de frieza de ânimo em Luísa...











Não havia mais dúvidas para Luísa. Os altos méritos de São Vicente haviam-na tocado profundamente. Passou a depositar no seu novo guia a maior confiança. Viu, então, nitidamente quanto através da humildade brilhavam nêle a sabedoria, o bom senso e a prudência...















E abafou, bem no âmago, a mágoa que a separação do filho lhe iria causar. Depois da morte do marido era o filho o resquício terreno que a prendia às coisas da terra. Já morrera para tôdas as vaidades, despresava as futilidades do mundo, só seu filho e as obras de caridade lhe davam a noção de que existia...

E Luísa abandonou a bela residência da Rua Marais e foi morar numa casa alugada da Rua São Vitor, junto ao Colégio *"des Bons-Enfants"*. Aí começou a levar vida de silêncio, de mortificação, de oração, e, por inteiro, a praticar a caridade...

Depois, servindo-se de anteriores amizades...



Mas nem tôdas as pessoas procuradas tinham o dom da compreensão, e era preciso um trabalho de catequese mais profundo...





E saindo com a dama logo demonstrava como agia...



Entretanto, o espírito de Luísa passou a ser atormentado pelo filho que, não se adaptando à vida do Seminário, saíra de lá e viera morar com ela na casa da Rua de São Vítor. Entre os colégios de renome, Luísa escolheu-lhe o de São Nicolau de Chardonnet, há pouco fundado pelo Padre Bourdoise. Ali entrou Miguel em fins de 1627. Mas o ânimo inconformado do rapazinho fê-lo não se adaptar ao novo colégio e o resultado foi sua volta à casa materna...

Sao Vicente tinha estabelecido, por si ou pelos seus missionários, confrarias de caridade nas paróquias em que pregava. Elas haviam principiado nas vastas terras que o Senhor de Gondi possuía no interior da França e, logo, dilatadas para outros lugares onde a miséria era muita...

Essas confrarias eram piedosas associações de mulheres que se dedicavam a socorrer os pobres...





Ninguém melhor do que Luísa para êste apostolado. Deus a fêz mais instruída do que o comum das senhoras de sua posição, para poder dirigi-las e mandá-las com autoridade. Fê-la compreensiva e paciente para ser espôsa e mãe e, finalmente, apta a bem desempenhar o papel de futura preceptora de uma infinidade de filhos adotivos.

Desde o comêço de 1629 que São Vicente propôs à sua penitente visitar tôdas as confrarias por êle fundadas. Foi assim que Luísa visitou numerosas cidades, onde elas já se achavam instaladas: Meaux, Soissons, Senlis, Chalons, Beauvais, etc.

Ao chegar a esta última cidade foi recebida com uma grande ovação...



Foi nessa ocasião que o seu prudente diretor, que a sustentava nas consolações como nas provações, lhe escreveu...



Certa vez, quando chegou o dia de deixar Beauvais, as senhoras do lugar, os homens importantes, os operários e os pobres foram juntos à casa onde Luísa se achava para lhe fazerem uma grande manifestação de gratidão. Luísa, comovida, abraçou a todos, inclusive as crianças e os pobres em grande número. Afinal subiu para a carruagem...

Mas, o apêrto era enorme. Súbito, quando o carro se põe em marcha...



Luísa saltou, rápido, do veículo e...



E rezou fervorosamente...

Minutos após...



A surprêsa do povo não deixou de ver neste acontecimento um autêntico milagre...

Aquela pobre casa da Rua de São Vítor chegavam as môças de suas aldeias. Chegavam ignorantes e rústicas. Pacientemente, Luísa as instruía, fazendo delas almas impregnadas de sobrenatural caridade...

A intensa atividade de Luísa exauriu-lhe as fôrças. São Vicente ponderou-lhe...



O berço, pois, da Companhia das Irmãs da Caridade foi na Rua de São Vítor (hoje Rua Cardeal Lemoine), n.º 43, numa casa pequena, com duas janelas de frente e uma porta baixa, dando acesso para um corredor escuro. Foi com o núcleo de mulheres que aí se juntou que São Vicente de Paulo completou a sua obra de Pai da Caridade, pondo Luísa como sua executora...














E entre os enfermos de tôda espécie...
Fazei por descansar agora!
Sim, irmã, sinto-me muito melhor!


E sucediam casos como êste...
Que fazeis aqui? Sois parente dêste quase moribundo?
Não! Simplesmente...


... estou esperando que morra... para me servir da cama dêle! Não tenho onde dormir!...
Mas...


... não vêdes que o mal dêle é contagioso? Pegareis a mesma doença!...
Sim... sim! Que importa, se não tenho onde dormir!...


Então os encargos das abnegadas criaturas aumentaram...
Poremos novas camas!
É, as dos enfermos não servem!


Foram estabelecidos recintos isolados...
Os de contágio ficarão aqui!

Sabe-se que o estado sanitário dos povos daquela época era por demais precário. As pestes ou períodos epidêmicos eram freqüentes e mortíferos em seus efeitos. Ainda uma não desaparecera e logo outra surgia a castigar a população...

Guiada por São Vicente, Luísa estabeleceu novos núcleos. E a preparação de novos elementos não esmorecia...



O Pai da Caridade ia constantemente à Rua de São Vítor visitar as suas Filhas e dirigir-lhes os mais sábios conselhos, juntamente com as decisões que determinava. O horário daquela Casa era muito simples...

Às cinco horas da manhã...



Depois eram designadas as que tinham de ir preparar a sopa dos pobres daquele dia...





E dirigindo-se a outras...



Outras eram levadas para a sala de aula...



E ainda outras...



Ao meio-dia, o frugal jantar...



Depois havia um pequeno recreio. As que tinham preparado os remédios, buscavam em casa dos médicos, as receitas e em casa da Senhora da Caridade, designada para o dia seguinte, a tarefa respectiva. À noite, com tôdas recolhidas a casa, dava-se uma aula de leitura e de catecismo, e lia-se um pouco do Evangelho,...

Instruídas por Luísa, as Irmãs deviam comungar aos domingos e dias de festa. Em uma carta enviada a São Vicente, ela dizia...

"Elas não pedirão ao confessor licença para comungar mais vêzes sem me dizer, para que eu as avise das faltas que as pessoas, que comungam freqüentemente, não devem cometer."

O Santo, que estava em missão fora de Paris, mandou-lhe a seguinte exortacão...

Em 31 de julho de 1634, São Vicente de Paulo reuniu a Comunidade para que lhe ouvissem a primeira de sua série de conferências. As Irmãs, como os apóstolos, eram em número de doze. Essa conferência abriu a série de noventa e três colóquios admiráveis e preciosos, que conseguiram formar o espírito das dedicadas Filhas da Caridade, e que até nossos dias tem prevalecido...

Uma das maiores preocupações de São Vicente era que a novel sociedade de suas Filhas não se tornasse uma ordem religiosa, como as que conhecia fechadas ao mundo em seus conventos e casas de oração. Êle a concebera para socorro aos pobres miseráveis e ignorantes de Deus...

Um dia, numa de suas conferências de divina inspiração, êle disse a suas Filhas...

As Irmãs da Caridade terão por mosteiro as casas dos pobres; por cela, um quarto de aluguel; por capela, a igreja paroquial; por claustro, as ruas da cidade; por clausura, a obediência; por grades, o temor de Deus; por ofício, o rosário; e por véu, a modéstia.

As primeiras conferências foram anotadas por Luísa, embora outras Irmãs prosseguissem no mesmo afã de registrar as sublimes palavras do mestre...

As obras de Caridade estão, nesse ano de 1634, em plena florescência. São Vicente é a cabeça pensante, o ministro da caridade; Luísa de Marillac é o coração, a mordoma de tôdas as obras. O que o Santo quer, Luísa faz. Semelhante a um artista exímio, o Pai dos Pobres é quem inventa os meios de executar as grandes emprêsas, mas primeiro as faz passar pela pedra de toque, que é Luísa. Se esta aprova, tudo prospera e alcança resultado. Ambos tiveram igual mérito nas obras a que meteram ombros...

Pois apesar de tôdas estas canseiras, ainda outras lhes arranjaram...

Sim, madames, o Bispo de Paris e o Senhor de Gonti me pediram para eu dar uma ajuda à Confraria, de que fazeis parte! Mas que posso eu fazer, se quase não tenho momentos de folga?

Assim é, Padre! Mas todos vêem como as vossas iniciativas vão para a frente, como que amparadas pela mão de Deus!

E foi, dêsse modo, que o Pai da Caridade, ajudado como sempre por Luísa de Marillac, ainda arranjou modos para dar organização e colaborar com a Associação das Damas da Caridade, Confraria que a alta nobreza da França mantinha para cuidar dos doentes do grande hospital São Luís, chamado "Hotel-Dieu"...

Curioso é assinalar como certas criaturas excepcionais se manifestam para as grandes obras. Assim foi Margarida Naseau, uma rude aldeã, que depois de Santa Luísa de Marillac, foi uma das pedras angulares da Companhia das Filhas da Caridade. Ela já trazia inato o espírito maravilhoso que a faria sobressair como uma mulher extraordinária...

Assim, em certa aldeia...



Margarida era bastante conhecida por aquelas bandas. Todos lhe reconheciam a energia de caráter e a disposição bondosa de ser útil e prestativa aos demais...

Despachada em todos os seus atos, ela teve uma idéia ao lhe surgir pela frente o Cura de sua modesta paróquia...





Não levou tempo que as letras, as sílabas, as palavras e, por fim, as frases principiassem a fixar-se no cérebro privilegiado da camponesa. Sem descurar suas ocupações normais, Margarida Naseau colheu do sacerdote a semente da instrução que tanto lhe açulava o espírito...

Em pouco tempo...



Certo dia...



Margarida Naseau foi admitida por Luísa de Marillac, que dela fêz uma das mais ativas colaboradoras. Luísa logo avaliou quanto havia de precioso naquela alma abnegada, que tudo fizera para se elevar sem outros recursos senão a sua desinteressada bondade e perseverança...

O problema das crianças órfãs e abandonadas era uma das coisas que bem afligiam o Padre Vicente. Seu recurso era apelar para Luísa..



Já o campo vasto das obras de caridade se desdobrava em vários setores. Tanto que, em maio de 1636 a casa da Rua de São Vitor teve de se transferir para a Rua da Capela, mais ampla e apropriada...

De 1648 a 1654, durante a Guerra que em França se chamou da Fronda, muita coisa aconteceu inclusive uma revolta do povo de Paris...



Isto foi o que disse o General Talon, no Parlamento ao criticar o estado de miséria a que se levara o país...

Então a peste sobreveio...



E chamando suas pupilas, Luísa saiu à rua...



Outros porém...



Do filho de Luísa se sabe que após os primeiros tempos de colégio, onde sua atuação fôra pouco edificante, a ponto de ter abandonado o seminário e desistir de se ordenar sacerdote, êle completou os estudos e como advogado formado contraíu matrimônio e passou a levar vida calma e piedosa...

Avançada em anos, Luísa era sempre a mesma diligente e ativa serva da Caridade. A 15 de março de 1660 ela se foi para o seio de Deus, recomendando às suas discípulas.



Não foi possível, por ausente de Paris, a São Vicente dar a absolvição última à grande apóstola. Foi essa a mágoa do bom velhinho, que não levou muito a se lhe juntar no Céu, pois também morreu nesse mesmo ano, a 27 de setembro

(Conclusão da 2.ª Capa)

BREVE HISTÓRIA DA VINDA DAS IRMÃS DA CARIDADE AO BRASIL

po, mas tôdas elas dizem que preferem morrer do que se ausentar. Quanto êste desprendimento faz bem à religião... e quanto esta semente lançada em terra fará germinar uma série imensa de vocações!...

Viva a Cruz e a bela missão do Rio, onde se ganha tão depressa a coroa da vida eterna!... Nossas Irmãs mostram-se dignas da escolha que fizestes, enviando-as para tão longe, a fim de trazerem para êste país a verdadeira luz da religião".

De 1853 em diante quase anualmente novos enxames de Irmãs de Caridade aportavam ao Brasil para as novas casas que iam se inaugurando, ou para substituir as Irmãs vitimadas pelo doloroso flagelo, que por muitos anos assolou o Rio de Janeiro. Datam de 1853 os orfanatos de Santa Maria e de Nossa Senhora da Saúde, o asilo francês e o hospital dos Alienados, no Rio, e o Colégio da Providência, na Bahia. Sucessivamente foram abertas as outras casas, cuja lista não publicamos por demasiado extensa.

A 16 de abril de 1860, a Irmã Rouy, nomeada visitadora, e as suas secretárias tomaram posse da Casa Central, em Laranjeiras, a mesma casa onde hoje se encontra a Escola Técnica Providência, à Rua Pereira da Silva n.º 319.

A 22 de agôsto seguinte reuniu-se pela primeira vez o Conselho da nova Província: compunha-se de quatro membros: o Padre Lamant, diretor, a Irmã Rouy, visitadora, a Irmã Chantrel, assistente, e a Irmã Pascal, ecônoma. A primeira decisão foi criar o noviciado, porque muitas jovens brasileiras se sentiam com vocação de servir os pobres. A 8 de setembro de 1860 nasceu êste pequeno noviciado, sob a proteção de Maria Imaculada e destinado a ser o seminário de centenas de novas Irmãs de Caridade.

Nessa época a Província Argentina não estava separada do Brasil; mas, como as postulantes argentinas achassem grande dificuldade de vir fazer o noviciado no Rio de Janeiro, foi criado o noviciado de Buenos Aires, em 1862, mas a separação das duas Províncias só se realizou em 1867.

Hoje, as Filhas da Caridade são em número de 50 000, espalhadas por todos os Continentes, e estão em qualquer lugar em que o Pobre exista.

Em 1957 a Província foi dividida em duas: uma com séde em Fortaleza, outra com séde no Rio. Existe ainda a Província de Curitiba, criada para os imigrantes poloneses.

Província de Fortaleza:

Séde provisória: Casa Central — Rua Filgueiras de Melo, 45 — C. P. 55 — Fortaleza — Ceará.
Visitadora Provincial: Irmã Marcillac
Casas: 82
Irmãs: 750

Província do Rio de Janeiro:

Séde: Rua Santa Amélia, 102 — Rio de Janeiro — Estado da Guanabara.
Visitadora Provincial: Irmã Blanchot
Casas: 165
Irmãs: 1 304

Província de Curitiba:

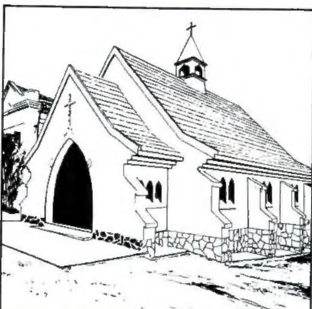
Séde: Avenida Manuel Ribas, 2 — Curitiba — Estado de Santa Catarina
Visitadora Provincial: Irmã Perz

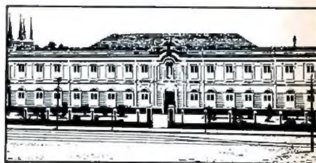
ALGUMAS DAS CASAS DA IMENSA SEARA DAS FILHAS DA CARIDADE NO BRASIL


Casa Central da Província do Rio de Janeiro (Guanabara).


Entrada da Escola Técnica de Comércio Providência — Laranjeiras (Guanabara).


Fundos da Escola Técnica de Comércio Providência — Laranjeiras (Guanabara).


Capela do Hospital Regional — Varginha (Minas Gerais).


Casa Central da Província de Fortaleza (Ceará).


Ginásio Maria Imaculada — Pacoti (Ceará).


Casa da Criança — Manaus (Amazonas).


Escola Normal Providência — Mariana (Minas Gerais).


Lar da Criança Abandonada — Araguari (Minas Gerais).

8 ÁLBUNS PARA LER E COLORIR







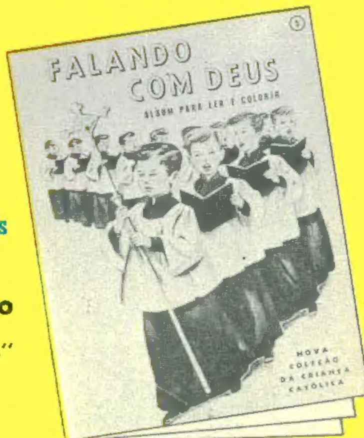


Uma Nova Coleção da Criança Católica!

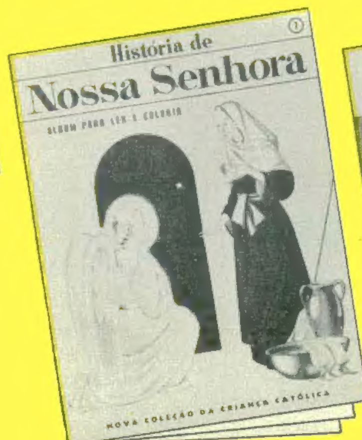
Aprovados Pelas Mais Altas Autoridades Católicas do País e do Estrangeiro!

ÊSTE É UM NOVO LANÇAMENTO DA MESMA EDITORA QUE PUBLICA "SÉRIE SAGRADA"

Orientação do Cônego Antônio de Paula Dutra







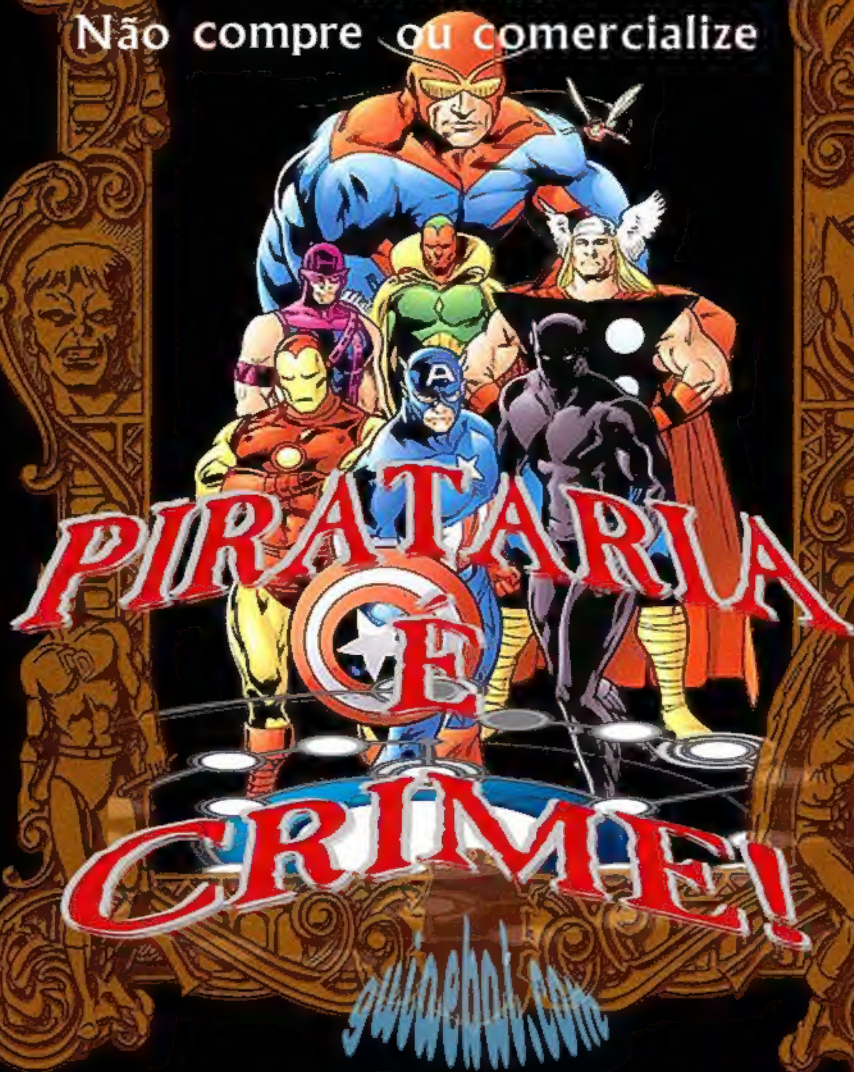


Preço de Cada Exemplar Cr$ 40,00

À Venda em Tôdas as Livrarias e Bancas de Jornais

Você acabou de ler mais um Scan Produzido e Restaurado de Fã para Fã, direto de nossa coleção Particular e distribuido gratuitamente e que já tem seus direitos registrados pelas respectivas Editoras.

Não compre ou comercialize



www.guiaebal.com





Guia Completo de todas as HQ´s lançadas pela EBAL.
Centenas de Scans de Séries Completas!